

No rumo da carreira acadêmica

MARCELO ROCHA

marcelorochoa@jornal.com.br

Pegar o diploma de graduação, para muitos universitários significa “apenas” a conquista de um primeiro degrau em sua formação educacional superior. Após concluir a faculdade, ou universidade, uma razoável parcela de alunos pressegue estudando, fazendo cursos de especialização, mestrados e doutorados. São os jovens que abraçaram a carreira acadêmica visando fazer pesquisas ou dar aulas no futuro.

Mylene Pinheiro da Silva, 24, é graduada em ciências biológicas pela Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) e atualmente faz mestrado em microbiologia agrícola, na mesma universidade. Ela explica sua opção pela trajetória acadêmica. “Juntamente com a graduação desenvolvi estágios relacionados com a minha área. Neles fui adquirindo experiência, vontade e curiosidade de conhecer e desenvolver a ciência de fato. Escolhi a carreira acadêmica por já estar envolvida com ela antes mesmo de terminar minha graduação”, conta.

Audrei Fortunato Miquelote, 25, que é mestranda em fisioterapia, em desenvolvimento neuromotor pela Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba), diz que o “start” foi um trabalho de iniciação científica que desenvolveu ainda durante a graduação — fisioterapia pela mesma Unimep. “Tive o prazer de conhecer mestres e doutores de alto gabarito e não somente profissionais, também pessoas que me incentivaram a buscar cada vez mais, dentro da pesquisa, o conhecimento. Após a graduação, fiz uma especialização (em fisioterapia neonatal pela Unicamp — Universidade Estadual de Campinas), foi quando tive certeza dessa carreira. E depois dei início ao mestrado, para ser mais preparada para esta carreira”, comenta.

“O grande lance é perceber a sede dos alunos em aprender a aprender. Além de minha satisfação profissional”, acrescenta Audrei. Mas em sua opinião, o estudante não pode viver somente na clausura

acadêmica. “Um profissional bem atualizado precisa estar em alta com as novidades do mercado de trabalho também. Atuo na área de fisioterapia, na estimulação precoce e acompanhamento de bebês, em uma escola de educação infantil, além de dar atendimento particular. Também leciono em uma universidade onde tenho um salário que me ajuda a completar minha remuneração”, diz a estudante que conquistou o primeiro lugar no mestrado, o que lhe valeu uma bolsa de estudo via Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) / Prosup (Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares).

Já Mylenne não acha que a opção pela carreira acadêmica necessariamente diminui as chances no mercado de trabalho. “A possibilidade de se abrir e fechar portas são as mesmas em qualquer área que você deseje atuar. Porém, algumas empresas, universidades renomadas e até mesmo concursos públicos exigem que o candidato tenha um nível de escolaridade avançado. Além da graduação, cursos superiores (stricto e lato sensu) são bem-vindos”, lembra.

BOLSA — O jovem que decide seguir a carreira acadêmica, diz Mylenne, conta com o apoio de fundações, empresas e agências de fomento à pesquisa científica e tecnológica. “A Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), por exemplo, fornece bolsas e auxílios a pesquisas que contemplam todas as áreas do conhecimento: ciências biológicas, ciências da saúde, ciências exatas e da terra, engenharias, ciências agrárias, ciências sociais aplicadas, ciências humanas, linguística, letras e artes. Outros exemplos destas agências são: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Capes, porém, estes apoios financeiros são fornecidos apenas se você possui um bom desempenho em sua universidade”, lembra.

Marina Yui Horta Miyachi, 29 — graduada em biologia e mestre em microbiologia pela Universidade Estadual de Londrina, que atualmente cursa doutorado em microbiologia agrícola na Esalq — lembra que não é tarefa fácil conseguir

uma bolsa. “Você tem que ralar, assim como tem que ralar para conseguir emprego. Claro que a ‘ralação’ é diferente, mas o mercado de trabalho fora da academia também não é fácil, você tem que se destacar”, declara. “Mas se você ingressar em uma universidade boa, em um curso bom, ou elaborar um projeto interessante pode garantir uma bolsa. Caso não tenha bolsa, ou é com a ajuda dos pais ou com um emprego além dos estudos. É difícil conciliar emprego e estudos, mas há muitos jovens que fazem isso”, afirma.

Audrei Fortunato Miquelote é mestranda em fisioterapia pela Unimep: mais preparada

Mylene Pinheiro da Silva é graduada em ciências biológicas pela Esalq e faz mestrado em microbiologia agrícola



R. Amaral/JP



Quem são os futuros doutores?

De acordo com Cláudia Cavaglieri — assessora da reitoria para a área de pesquisa e pós-graduação da Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba) —, basicamente existem dois perfis de alunos que frequentam os bancos acadêmicos em níveis de pós-graduação. Um deles é aquele jovem que foi incentivado durante sua graduação a fazer ciência e, então, decidiu pela carreira. “Desde o fim dos anos 80 e começo da década de 90, o país tem investido bastante em políticas que incentivam o jovem observador, questionador, crítico e criativo a entrar na universidade. Em 1989 foi criado o Programa de Iniciação Científica (PIC), e a grande maioria dos jovens que hoje vão para o stricto sensu (mestrado e doutorado) passou por esses programas de introdução à ciência quando faziam sua graduação”, declara.

O outro grupo é formado por alunos que já trabalham. Cláudia dá o exemplo de um engenheiro que atua em áreas estratégicas, de desenvolvimento. Normalmente, a empresa desse profissional o estimula a continuar seus estudos. “Muitas vezes o projeto temático é tanto de interesse do orientador da universidade quanto da empresa”, afirma. Outro exemplo aqui é o de professores que dão aulas em faculdades menores, mas que não possuem nenhum tipo de titulação, que também buscam aperfeiçoamento acadêmico.

ACADEMIA x MERCADO — A opção acadêmica implica no risco de fechar as portas para o mercado de trabalho? Na opinião de Cláudia Cavaglieri, depende da área. “Tem área que ainda tem uma absorção grande de alunos qualificados, mesmo que eles não tenham tido nenhuma experiência diretamente profissional. Por exemplo, áreas tecnológicas, de engenharia e computação. Nelas, inclusive, a evasão é maior do que em outras áreas, porque o mercado acaba incorporando esses estudantes antes de eles terminarem os estudos acadêmicos”, salienta. Mas em áreas de hu-

manas a absorção é mais complicada. “Na área de humanidades é mais restrito, porque são áreas em muitos casos só acadêmicas. Mas o indivíduo que vem dessa área já fez sua opção pela docência, por exemplo o pessoal que faz pós-graduação em educação”, destaca.

AS DIFERENÇAS — Os cursos de pós-graduação lato sensu, esclarece Cláudia, são aqueles que visam mais a atualização, o aperfeiçoamento ou o aprofundamento numa área específica do conhecimento. Por exemplo, um administrador de empresa que decide, em determinado momento de sua carreira, fazer uma pós na área de marketing ou gestão ambiental. “Já o stricto sensu envolve o mestrado acadêmico e o doutorado, o indivíduo recebe títulos de mestre e doutor. É o final da carreira em termos de graduação para docência na universidade”, diz.

Além do mestrado acadêmico, diz Cláudia, hoje há uma grande procura pelo mestrado profissional (stricto sensu). “Esse possui um público com perfil totalmente diferente. É uma formação para atender a demanda de mercado, para qualificar o indivíduo. Aqui o aluno não precisa necessariamente desenvolver uma dissertação, ele pode desenvolver um produto, um processo. A grande maioria dos alunos que procuram esses cursos já trabalham em sua área de atuação”, conta.

Já o pós-doutorado, acrescenta Cláudia, não é um título. “É quando você termina o doutorado e faz um laboratório, normalmente em outro país, é quando você inicia sua produção acadêmica como doutor. Nesse período você já tem autonomia para tocar seu experimento, fazer parcerias e pedir financiamentos”, conta. E a livre docência é a graduação máxima, o teto. “É como se fosse uma tese, um memorial de toda sua vida, para pessoas que já têm vida científica definida, sua área temática, tem orientado alunos e publicado bastante”, observa.

Dicas de Redação



Por Jaime Leitão

Não espere a inspiração baixar

Já ouvi de alunos em sala de aula diversas vezes, diante de uma proposta de redação, a frase feita: “Hoje não estou inspirado.” Essa afirmação, em vez de estimular, acaba representando um desestímulo para escrever. É uma espécie de defesa, como se o aluno dissesse: “Hoje eu não estou inspirado, talvez na aula da semana que vem.”

Esse adiamento é péssimo porque afasta aquele que tem dificuldade para escrever do exercício constante que irá habituar-lo a essa prática e o fará escrever melhor cada vez mais.

Sempre que ouço um aluno dizer isso, digo: “Comece”. E aí ouço a clássica pergunta: “De que jeito?”. Buscando ser objetivo, direto, rascunhando, eliminando as repetições e os excessos, até chegar à forma definitiva.

Nada de pensar: “Não posso”, “Não consigo”. Essas crenças só bloqueiam. Temos que nos soltar para o papel. Proponho alguns exercícios no início do ano letivo que visam justamente a liberar o processo de criação.

São exercícios de soltura, que comecem com um desenho, depois com palavras que devem ser relacionadas pelo aluno com o desenho feito e, em seguida, peça para construir frases e até um texto, utilizando as palavras da atividade anterior.

Os sentidos também têm que ser liberados. Valorizamos demais a visão, mas esquecemos que a audição, o paladar, o olfato e o tato também têm que ser considerados.

É preciso abrir os sentidos, aguçar a sensibilidade e escrever, escrever o máximo que conseguir. Com inspiração ou sem inspiração. Esperar que ela baixe milagrosamente é ficar esperando eternamente. Não faça isso. Vá à luta. Conquiste a sua linguagem e a sua expressão. Persista.

JAIME LEITÃO é professor de redação, articulista e escritor

Etapas da formação superior



Graduação

Primeiro título universitário. Divide-se em três modalidades:

Bacharelado

Com duração de quatro a seis anos; é oferecido na maioria das áreas de conhecimento (artes, ciências humanas, ciências sociais, matemática, ciências naturais, administração, arquitetura, engenharia, farmácia, fisioterapia, medicina, odontologia, veterinária)

Licenciatura

Permite que o estudante se torne um professor em escolas de educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental

Tecnologia

Habilita o seu titular a ser um tecnólogo (cursos geralmente voltados à formação de mão-de-obra especializada para a indústria)

Fontes: MEC (Ministério da Educação), Wikipédia e dicionário Houaiss



Pós-Graduação

Segundo passo acadêmico, divide-se em duas categorias:

Lato sensu

Cursos mais práticos, voltados principalmente para quem busca atualização profissional; incluem os programas de especialização e os cursos designados como MBA-Master Business. Abertos a candidatos diplomados em cursos superiores e que atendam às exigências das instituições de ensino.

Stricto sensu

Setor de pós-graduação mais dirigido à pesquisa científica; inclui programas de mestrado e doutorado (o mestrado é pré-requisito para o cumprimento do doutorado). São abertos a candidatos diplomados em cursos superiores de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino e ao edital de seleção dos alunos.

Pós-doutorado

Curso de especialização ou aperfeiçoamento, ou estágio numa universidade ou instituição de pesquisa, realizado após a conclusão de um doutorado

Livre docência

Título universitário que se obtém por meio de uma instituição de ensino superior, mediante concurso público (aberto por edital) para estudantes com título de doutor. Após submeter-se a uma prova escrita e uma prova didática, o candidato deve desenvolver uma tese monográfica sobre um tema acadêmico e defendê-la perante uma banca examinadora.